

incentivar o estudo de autores portugueses, hoje quase esquecidos, mas indiscutivelmente de grande importância no vasto panorama da nossa história literária. Deve, por isso, destacar-se o valor das 3 páginas de uma seleção bibliográfica atualizada que encerra o volume (pp. 149-151), convenientemente repartida em “Edições e traduções”, “Estudos específicos”, “Bibliografia geral” e “Bibliografia crítica sobre Eco e Narciso na Literatura Portuguesa”.

Em suma, parece ser indubitável o mérito do presente trabalho, fruto de uma extensa e séria investigação, que oferece muitos e variados motivos de interesse. Cumpre-se assim, uma tentativa muito louvável de divulgação de textos sobre um mito clássico que, por certo, irá suscitar grande interesse tanto do especialista quanto do leitor comum.

Rui Carlos Reis Fonseca, *Epopéia e Paródia na Literatura Grega Antiga*. Lisboa, Edições Húmus, 2018, 320 pp.: ISBN 978-972-9376-49-8

MARIA FERNANDA BRASETE⁴ (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Vem enfim a lume esta obra de elevada qualidade científica, que representa o culminar da rigorosa atividade de investigação empreendida pelo A. (então um jovem investigador) na sua dissertação de doutoramento (sob o título *Epopéia e Paródia na Literatura Grega Antiga: Recursos Paródicos e Imitação Homérica na Batracomiomaquia*), defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano de 2013.

No Prefácio, assinado pelo então orientador da dissertação, Professor Pedro Serra, sublinha-se, desde logo, a qualidade e o rigor da análise comparativa, estilística e semântica “da obra que agora se publica [...] de inegável interesse para todos quantos se aproximam da cultura grega com maiores cuidados de detalhe e de pormenor” (p. III).

O estudo introdutório, consagrado aos “Elementos Paródicos na Poesia Homérica” (pp. 5-22), apresenta uma análise sucinta, mas bem documentada, da variedade dos registos que se entrecruzam nos poemas homéricos, e que abriram, assim, um horizonte de potencialidades inesgotáveis para se desenvolverem na literatura grega posterior diversas categorias genológicas, inclusive a da paródia, por mais fluido e versátil que possa parecer a configuração deste género literário.

⁴ mbratese@ua.pt.

Nesta obra, cujo núcleo temático reside na complexa “relação de dependência entre epopeia e paródia”, uma adequada estrutura bipartida reparte-se entre as questões de índole mais teórica e um valioso estudo intertextual deste curioso poema herói-cómico, que nos chegou da Antiguidade grega, vulgarmente traduzido por *Guerra entre as Rãs e os Ratos*.

A PARTE I apresenta-se sob o título “Paródia e Literatura Paródica Grega” (pp. 25-162) e encontra-se subdividida em 4 capítulos, cada um deles repartido ainda por várias secções específicas. No Capítulo I, traça-se um excelente enquadramento conceptual e contextual que problematiza, com base numa bibliografia atualizada e com grande destreza argumentativa, a definição de paródia, que, apesar de possuir as suas raízes na Antiguidade, se foi revitalizando, ao longo das épocas, fazendo eco do dinamismo inerente à evolução dos géneros literários. Particularmente relevante é a discussão bem fundamentada e argumentada que o A. empreende, com grande clareza, sobre a tão problemática teorização da paródia.

No Capítulo 2 debate-se a complexa questão da “Paródia na Literatura Grega”, segundo uma perspetiva histórico-genológica, por forma a destacar os principais aspetos da evolução estético-literária que se foram operando desde o período arcaico até ao helenístico. A tendência de se considerar a paródia um *género menor*, é discutida no Capítulo 3, que oferece um conjunto de perspetivas inovadoras sobre o surgimento do género “herói-cómico”, no intuito de se demonstrar a relação dinâmica que se presente entre passado, presente e futuro, e que tem mantido viva a paródia, se bem que desprovida de definição canónica e trans-histórica. A concluir a Parte I, surge o Capítulo 4 que encerra a reflexão teórica, promovendo uma transição coerente para a segunda parte da obra, ao sistematizar, com grande acribia e espírito de síntese, questões tão problemáticas como a autoria, a datação, a transmissão textual e o próprio título do poema em estudo.

A Parte II, significativamente intitulada “A *Batracomiomaquia* e a Paródia ao Modelo Homérico” (pp. 163-281) aparece organizada em três capítulos, focados numa acurada e muito completa análise intertextual do poema cuja ação se inicia com uma guerra entre ratos e rãs. Como se esclarece no final da Introdução (p.22), este estudo tem por base a edição de West (2003), se bem que, em passos mais duvidosos, se utilize também a edição de Allen (1978).

O Capítulo 5 debruça-se sobre a “Paródia à *Odisseia*”, desenvolvendo os *topoi* das “viagens marítimas” e da “cena de hospitalidade”, para demonstrar, como grande detalhe e rigor, como se processa no poema heróico-cómico uma subversão paródica do modelo homérico.

No Capítulo 6, a análise comparatista concentra-se na “Paródia à *Ilíada*”, tomando como tópicos principais “As sequências bélicas” e a caracterização da figura épica e antiépica do “Herói guerreiro”, para se discutir a utilização subversiva dos expedientes homéricos, em função do pretendido efeito paródico.

“A Paródia à divindade homérica” é examinada no Capítulo 7, a partir dos pares Zeus-Atena e Zeus-Hera, com o objetivo de se analisar um dos elementos essenciais do género épico, apesar das diferenças que se registam entre a *Ilíada* e a *Odisseia*. Também em relação a este tópico, fica evidente que os princípios subversivos da paródia regem a atuação dos deuses, nas diversas cenas divinas que ocorrem na *Batracomiomaquia*.

Numa conclusão que se estende por 5 páginas, o A. sistematiza os principais expedientes poéticos que configuram epopeia e paródia “como sistemas abertos e proteicos” (p.277), referindo por exemplo a diversidade de modalidades discursivas utilizadas, o processo de transfiguração da excelência heroica e a confluência de estilos opostos. Defendendo a ideia de que a paródia nasce como um “contracanto que se apõe ao canto entendido na sua forma canónica” (p. 278), conclui que sendo a *Batracomiomaquia* “a mais célebre das paródias sobreviventes da Antiguidade é também considerada o texto inaugurador da poesia heróico-cómica” (p. 280).

Convenientemente estruturada e documentada, com abundantes citações dos poemas analisados, esquemas sinóticos e notas explicativas, redigida numa linguagem rigorosa, mas clara, esta obra estimula certamente uma leitura atenta e pode sugerir outras pistas de investigação futura neste campo de estudos, como o próprio A., em jeito de desafio, refere no final da última página (p. 281). Uma bibliografia atualizada e substancial, convenientemente repartida em diferentes secções, enriquece ainda mais este livro que culmina com um sempre útil “Índice Onomástico” (pp. 307-317). O único reparo que se faz recai sobre o posicionamento do “Índice”, no final do volume.

Uma publicação com estas características, de inegável interesse científico, constituirá, com toda a certeza, um importante instrumento de trabalho e um valioso contributo para os estudos clássicos, atendendo à competência com que o autor fornece uma visão tão completa e abrangente da matéria tratada.

Pseudo-Sexto Plácido, *Liber medicine ex quadrupedibus. Magos y doctores. La medicina en la Alta Edad Media*. Edición, traducción y estudio de José C. Santos Paz. Firenze: Edizioni del Galluzzo per la Fondazione Ezio Franceschini, 2018, 320 pp.: ISBN: 978-88-8450-878-2.

EMÍLIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA⁵ (CLLC, Universidade de Aveiro — Portugal)

O volume em análise consiste, como afirma José C. Santos Paz na “Presentación”, numa edição crítica do *Liber medicine ex quadrupedibus*, conhecido como redação α de Sexto Plácido, e resulta da participação do professor de Filologia Latina da Universidade da Corunha “en varios proyectos de investigación dedicados al estudio y edición de textos médicos latinos del período presalertiano” (p. V).

A consideração do *Liber medicine ex quadrupedibus* como a «redacción α » de Sexto Plácido levou, na opinião do A., a que tivessem sido cometidos alguns erros metodológicos na edição anterior do texto, publicada em 1927 pelo filólogo Ernst Howald e pelo historiador da medicina Henry E. Sigerist. Com efeito, após uma aturada revisão das *fontes critici* do *Liber medicine ex animalibus* de Sexto Plácido, José C. Santos Paz conclui que indícios de índole diversa apontam para que a redação mais breve, “aquella que transmiten los códices de la familia α de Howald y Sigerist”, seja, na verdade, “una adaptación incompleta de la llamada «redacción β »”, que é a forma conhecida do receituário mais próxima do original (p. v). Considerando que as reelaborações deveriam ser editadas antes da obra de Sexto Plácido, na medida em que são fontes de tradição indireta úteis para o estabelecimento do texto da obra original, e no intuito de desfazer erros cometidos anteriormente, o A. opta por apresentar

⁵ emilia.oliveira@ua.pt. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da celebração do contrato-programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art.º 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.